

O ESTADO DE S. PAULO

Publicação da **S.A. O ESTADO DE S. PAULO**
Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP 02598-900 • São Paulo - SP • Caixa Postal 2439
CEP 01060-970-SP Tel. 3856-2122 (PABX) Fax Nº (011) 3856-2940

Classificados por telefone: 3855-2001
Vendas de assinaturas:
Capital: 3950-9000
Demais localidades: 0800-014-9000
Central de atendimento ao leitor:
3856-5400 - falecom.estado@grupoestado.com.br

Central de atendimento ao assinante
Capital: 3959-8500
Demais localidades: 0800-014-77-20
www.assinante.estadoao.com.br
Central de atendimento ao jornalista:
0800-011-00-94 - www.jornaleironline.com.br
Central de atendimentos às agências de publicidade:
3856-2531 - cia@estado.com.br

Preços venda avulsa: SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 2,50 (segunda a sábado) e R\$ 4,00 (domingo). DF: R\$ 2,50 (segunda a sábado) e R\$ 4,00 (domingo). ES, RS, GO e MT: R\$ 3,20 (segunda a sábado) e R\$ 5,80 (domingo). MS: R\$ 3,20 (segunda a sábado) e R\$ 4,20 (domingo). BA, SE, PE, TO e AL: R\$ 4,00 (segunda a sábado) e R\$ 6,00 (domingo). AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC e RO: R\$ 4,50 (segunda a sábado) e R\$ 7,20 (domingo)

O Estado hipopótamo

Roberto Macedo



Falando no dia 21 de dezembro numa reunião com empresários, o presidente Lula voltou a argumentar em defesa da alta carga tributária brasileira, que ele e outros membros de seu governo entendem como necessária à manutenção de um Estado forte. Insistiu em deixar claro que não se deve imaginar o País com uma carga tributária fraca.

Referindo-se a essa manifestação, um editorial deste jornal, do dia 25 do mesmo mês, ponderou que nosso presidente confunde Estado forte com a condição de gordo e pesado. Lembrando um ditado popular, tamanho não é documento, e isso vale também para avaliar a natureza do Estado. Esta envolve, entre outros aspectos, os serviços que presta e o uso que faz dos recursos de que dispõe.

Quanto a isso, o Estado brasileiro sai-se mal, pois de um modo geral está longe de ser eficaz na prestação de serviços. Tampouco é eficiente no uso dos muitos recursos que mobiliza com sua enorme car-

Estado brasileiro lembra mais um hipopótamo do que um elefante

ga tributária. Essa ineficiência é mais forte na esfera federal, já que conta com mais recursos tributários e não está sujeita às mesmas restrições de endividamento nem a dispositivos da Lei de Responsabilidade Fiscal que limitam a margem para ganância nas unidades da Federação e nos municípios.

Nessa linha, particularmente nessa dimensão federal, o Estado brasileiro costuma ser comparado a um elefante, dadas as suas proporções paquidérmicas. Essa comparação, contudo, não é adequada. O elefante é um animal dos mais nobres, podendo ser domesticado para prestar serviços como o transporte de pessoas e de mercadorias. E é obediente ao seu dono ou guia, o que não acontece com o Estado brasileiro, que muitas vezes não se põe a serviço do povo, mas o vê a seu serviço. Assim, a comparação é uma ofensa ao elefante.

Mais adequado é comparar o nosso Estado a um hipopótamo, um animal que esbanja gordura por todos os lados, além de não domesticável. Tipicamente, passa a maior parte do dia na água ou num lamaçal, saindo para pastar à noite. Aliás, esse lamaçal em torno dos hipopótamos também lembra características do Estado brasileiro, tais como as que vieram à tona em 2009 em Brasília, no Senado e no governo do Distrito Federal.

E mais: com sua enorme bota, que escancara a ponto de tapar-lhe a visão, o hipopótamo está em sintonia com o apetite voraz que o Estado brasileiro tem por tributos, o que levou à enorme carga tributária brasileira, ímpar se comparada à de países em estágio de desenvolvimento equivalente e mesmo à de outros já desenvolvidos.

Acrescente-se que, como selvagem e não administrável, o hipopótamo não é marcado pela responsabilidade ao transformar seus recursos em energia, e tampouco ao dispor dos resíduos de seu processo alimentar. Segundo a Wikipédia, excusa esta última atividade girando a cauda para espalhá-los na maior área possível, com o objetivo de marcar território.

A dificuldade de os donos – em tese, o povo, no caso do Estado – lidarem com hipopótamos ficou evidente num episódio do qual soube pela mesma fonte. No final dos anos 1980, Pablo Escobar, o mais famoso traficante de drogas colombiano, morto em 1993, resolveu colocar quatro hipopótamos numa fazenda sua após comprá-los nos EUA. Depois que Escobar se foi, esses animais foram deixados nessa propriedade, dada a dificuldade de agarrá-los e movê-los. Acabaram se multiplicando por quatro e passaram a se banhar num rio próximo. No ano passado, três deles escaparam, atacaram pessoas e mataram gado. Um foi morto por caçadores autorizados pelas autoridades locais e parece que o grupo desses animais permanece como um inconveniente problema a resolver.

Assim, como o Estado brasileiro, os hipopótamos são difíceis de lidar e, deixados por conta própria, causam problemas complicados. Em particular, nosso Estado já evidencia estar tomado por maus instintos, em particular os da sua burocracia e os dos políticos, que colocam seus interesses acima dos interesses do povo a que deveriam servir.

A burocracia tem o seu próprio poder. Combinada com a irresponsabilidade dos políticos, e novamente com destaque na área federal, conseguiu impor à sociedade condições privilegiadas de previdência social e de remuneração, neste último caso contando com a

complacência da gestão federal atual. A ineficiência revela-se claramente em setores como saúde, segurança e educação, e na baixa taxa de poupança e de investimento, em que pese a enorme carga tributária. Mesmo após o governo Lula acordar, ainda que sonolento, para a necessidade de ampliar investimentos, seu Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), enfrenta enormes dificuldades para avançar e cumprir seus objetivos e metas.

Voltando à comparação com animais, em lugar de mirar-se cada vez mais no hipopótamo, o governo Lula deveria inspirar-se em características de outro bicho, realmente mais adequadas e usadas até mesmo em modelos de gestão. Trata-se do *cheetah* ou guepardo, que lembra uma mistura de gato com leopardo. Pertence ao grupo dos grandes felinos. Saradão, é conhecido pela sua agilidade e rapidez, sendo considerado o animal terrestre que alcança maior velocidade. Em arrancadas de curta duração pode alcançar 110 km/h e acelerar de zero a 100 km/h em 3,5 segundos. Por isso mesmo inspirou uma metodologia administrativa conhecida como *Cheetah Learning*, desenvolvida por um instituto dos EUA e que leva a uma certificação em gestão de projetos.

Faço essa sugestão, mas sem ignorar seu risco, o de levar a uma inspiração limitada apenas ao lado gato do guepardo, mantidas as gorduras do hipopótamo e o projeto estatal de grandeza, moldando assim uma gorda gataria. ●

Roberto Macedo, economista (UFMG, USP e Harvard), professor associado à Faap, é vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo

SINAIS PARTICULARES



A praia dele é outra

LOREDANO

Os vitoriosos de hoje

Demétrio Magnoli



“As vítimas de ontem são os vitoriosos de hoje. Elas não se envergonham de mostrar a cara e manter viva a memória nacional, ao contrário dos torturadores, que trafegam pelas sombras e insistem em negar o que fizeram.” Frei Betto escreveu isso na passagem dos 30 anos da Lei de Anistia. Agora, capitaneados pelo secretário de Direitos Humanos, Paulo Vannuchi, os “vitoriosos de hoje” negociam com o ministro da Defesa, Nelson Jobim, o conteúdo do decreto que cria a Comissão Nacional da Verdade. Toda a disputa se trava em torno da fabricação da “memória nacional”.

Frei Betto não é sempre contra a violência política de Estado. Há pouco, quando se preparava para receber em Havana mais um prêmio da ditadura castrista, publicou um artigo sobre a blogueira Yoani Sánchez. Dias antes, ela sofrera um sequestro relâmpago e agressões corporais de agentes da polícia secreta cubana. No artigo, o piedoso frade sugere que o evento existiu apenas como maligna invenção de Yoani e, ainda, que a blogueira funciona como peão do “inimigo externo” da indômita Cuba socialista. Até onde pode ir Frei Betto em nome de sua causa?

Não é exato dizer que as “vítimas de ontem” são os “vitoriosos de hoje”. Elas fazem parte do condomínio que está no poder, mas à custa de uma dupla renúncia. Em primeiro lugar, renunciaram ao seu programa original, que persiste apenas na esfera simbólica e se manifesta iconicamente em eventos como o da premiação de Frei Betto. Em segundo lugar, renunciaram aos seus princípios políticos e se associaram aos “vitoriosos de ontem”, que formam um componente crucial da base governista. Eis o motivo pelo qual

Vannuchi não terá a “verdade” que almeja no fim da negociação em curso.

Justiça e verdade não são a mesma coisa. A primeira depende das leis vigentes e se coagula na decisão, certa ou errada, de um tribunal superior. A segunda é uma leitura do passado, uma narrativa mais ou menos amparada nos fatos, que se condensa como consenso circunstancial, sempre sujeito a revisão. Sancionada pelo último general-presidente no outono da ditadura militar, a Lei da Anistia tinha os intuitos simultâneos de impedir a produção da justiça e promover um equilíbrio entre duas verdades conflitantes. Na versão formulada por Vannuchi, a Comissão da Verdade pretende unicamente consagrar a verdade dos autodeclarados “vitoriosos de hoje”.

A justiça é um patrimônio coletivo. Augusto Pinochet foi processado num tribunal chileno por violações de direitos humanos e um tribunal argentino condenou Jorge Videla à prisão perpétua. Tais veredictos não são triunfos das “vítimas de ontem” e não compensam os amigos, irmãos, filhos e netos vitimados nos subterrâneos das ditaduras. Eles equivalem a contratos históricos das duas nações, que comprometem as gerações futuras no repúdio à tirania e na proteção das liberdades políticas e dos direitos humanos.

A Lei da Anistia proíbe o Brasil de firmar consigo mesmo um contrato dessa natureza. Os “vitoriosos de hoje” acatam tal interdito. Nos termos daquela lei, classificada por Frei Betto como “uma vitória parcial”, eles trocam o contrato nacional por indenizações pecuniárias pessoais cujos valores oscilam em função do prestígio e da influência dos beneficiários. Vannuchi, que os representa, coerentemente assegurou que a Comissão da Verdade “não é contra a Lei da Anistia”.

A verdade – isto é, a “memória nacional” – é um patrimônio privado. Nas ditaduras totalitárias, como a cubana, o partido único veicula a sua verdade dogmática por meio dos sistemas de comunicação e educação e de todas as instituições culturais. Nas democracias, por defini-

ção, não existe uma verdade de Estado, mas verdades concorrentes que dialogam no mercado de ideias. A pretensão de, por meio da Comissão da Verdade, marcar uma verdade particular com o sinete de verdade oficial evidencia o que pensam da democracia os “vitoriosos de hoje”.

“A anistia foi a pedra de toque da transição da ditadura para a democracia e acredito que isto é um pacto político e como tal não vale a pena reabrir essas velhas feridas.” As palavras do deputado Raul Jungmann, que refletem a covardia de nossa elite política, foram escolhidas para exprimir a repulsa de Jobim e dos comandantes militares à Comissão da Verdade. Eles todos sabem que Vannuchi não persegue a justiça e respeita o “pacto político” que protege o vértice da cadeia de comando da ditadura militar. Mas a falsa acusação de violar a sacrossanta Lei da Anistia funciona como expediente eficaz para atingir o fim realmente visado.

Os comandantes militares surgem-se contra as propostas de identificação das estruturas

Nos termos da Lei da Anistia, trocam o contrato nacional por indenizações

empregadas nos subterrâneos da tortura e de proibição legal de batizar logradouros com o nome dos responsáveis pela tortura. Eles não se erguem contra uma inexistente ameaça judicial, mas cerram fileiras em torno de um valor simbólico: a imagem dos chefes das Forças Armadas do passado recente, que identificam com a instituição militar atual. No fim das contas, negam aos “vitoriosos de hoje” até mesmo um troféu puramente virtual.

Há uma narrativa histórica implícita na Lei da Anistia, que emerge na declaração do brigadeiro da reserva José Carlos Pereira: “Se a coisa é séria e se quer investigar, teria que investigar os dois lados, é claro.” A descrição do Estado ditatorial e dos militantes de esquerda, armados ou não, como “dois lados” simétricos de uma guerra ideológica internacional cumpre o papel de tese de legitimação da violência política oficial. O artigo de Frei Betto sobre Yoani Sánchez constitui uma versão adaptada dessa mesma obscenidade.

Os “vitoriosos de hoje” não são muito diferentes dos de ontem. Uns e outros negociarão suas verdades particulares – e continuarão a negar a justiça à Nação brasileira. ●

Demétrio Magnoli é sociólogo e doutor em Geografia Humana pela USP. E-mail: demetrio.magnoli@terra.com.br

FÓRUM DOS LEITORES



ENDEREÇO
Avenida Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, CEP 02598-900



FAX:
(11) 3856 2920



E-MAIL:
forum@grupoestado.com.br

◆ Cadê o Lula?

“Brasília fica às moscas...” Mas cadê o Lula? Ninguém o avisou sobre as catástrofes de fim de ano? E seus ministros? Ah... ele está em praia da Bahia e, afinal, o que ele tem com isso? Bela imagem de quem se diz protetor dos pobres! Salve-nos Deus...

RUTH DE SOUZA LIMA e HELLMEISTER
rutellme@terra.com.br
São Paulo

◆ Reizinho

A foto estampada no **Estado** de ontem (A4) em que o presidente aparece em nova exposição ridícula, de pernas para o ar, “tentando fazer exercícios”, pareceu-me profética. O “reizinho”, agora, terá de resolver o caso Battisti, a revisão da Lei da Anistia – propos-

ta por um dos seus aloprados, revisão essa que assinou e não leu, por causa da azia – e, por último, enfrentar a turbulência da FAB, que sugere a compra dos jatos suecos Gripen NG. Como, à primeira vista, não tem ninguém para ele culpar, poderá empurrar tudo com a barriga, decidir contra os interesses do País, trocar os pés pelas mãos e acabar, como na foto, de pernas para o ar, curtindo o seu exercício favorito. Eu sempre disse que ele é um craque, e com craque não se brinca. O povo brasileiro merece!

EDUARDO AUGUSTO DE CAMPOS PIRES
eacpires@terra.com.br
São Paulo

● Gradualmente, e como se fôssemos uma ditadura, todas as decisões estão passando para a

palavra final do presidente Lula. Senão, vejamos: a quem caberá a decisão final sobre a repatriação de Battisti? Ao presidente Lula. E a decisão sobre a compra dos caças? Ao presidente Lula. A quem caberá a decisão definitiva sobre a Lei da Anistia? Ao presidente Lula. Pairando acima da Justiça, acima dos nossos acordos internacionais, acima da Constituição e acima das opiniões técnicas, segue impávido o presidente a falar desbragadamente. Só não opinou até agora, assim como seus companheiros Celso Amorim, Marco Aurélio Garcia e Paulo Vannuchi, sobre o assassinato que as Farc praticaram contra o governador de Caquetá, na Colômbia.

PAULO BRAUN
paulobraun01@gmail.com
São Paulo

Compra dos caças

A fatura da amizade Lula-Sarkozy tem preço alto para o contribuinte, US\$ 70 milhões. Essa é a diferença de preço entre os caças Rafale, da França, e os da Saab, da Suécia. É só o dobro! Fica atrás até do caça americano F-18, da Boeing. Outro aspecto importante: o Rafale nunca foi vendido a outros países. Nosso presidente, como entende horrores de caças, certamente irá muitas vezes com dona Marisa a Paris para inspecionar a fabricação desses jatos de tecnologia ultrapassada. Talvez até leve um isopor para tomar banho no Sena.

JOÃO HENRIQUE RIEDER
rieder@uol.com.br
São Paulo

● Diálogo a jato: “*Cumpanteiro*, não se preocupe com o relatório da Aeronáutica; como dizem seus *cumpatriotas*, l'État c'est moi...”

FABIO DUARTE DE ARAÚJO
fabionyube@visualbyte.com.br
São Paulo

● Muitos reclamaram da ditadura dos militares, mas a maioria (80%?) apoia a ditadura papo-furado do Lula. Até em compra de aviões “o cara” quer saber mais do que a Aeronáutica?!

CESARE MOROSINI
cesare@listasinternet.com.br
Guarulhos

● Não está na hora de o TCU verificar o que está acontecendo na compra dos caças? Por que o

mais caro, se a FAB optou por outro melhor e mais barato?

CARLOS LESSA DA FONSECA
cabemy@ig.com.br
São Paulo

● Se *Lulla* comprar os Rafale, a Aeronáutica estará vendida.

A. FERNANDES
standyball@hotmail.com
São Paulo

● Quem vai estar dentro dos caças quando a coisa esquentar quer os melhores. E são os mais baratos. Desculpe-me o presidente Lula, não tem de escolher mais nada. Já está escolhido!

PEDRO CHOMA NETO
pedroneto@brturbo.com.br
Iratí (PR)